

VISÃO DO CORREIO

A janela volta a se abrir

Depois de semanas de silêncio diplomático e dezenas de contatos sem resultado concreto, a notícia de que o ministro de Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Márcio Elias Rosa, e o representante comercial americano Jamieson Greer vão se reunir virtualmente na próxima segunda-feira é genuinamente bem-vinda. O encontro, que só se tornou possível após uma conversa de uma hora e 20 minutos entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o mandatário norte-americano Donald Trump, sinaliza que os dois países ainda preferem a mesa de negociação à escalada. Isso importa. Num cenário em que tarifas de até 37,5% pesam sobre parte das exportações brasileiras, qualquer abertura de canal merece ser reconhecida como o que é: um passo na direção certa.

A disposição de ambos os lados também merece crédito. O Brasil manteve o tom técnico e evitou a retórica de confronto que poderia ter encerrado o diálogo antes de começar. Washington, por sua vez, surpreendeu ao responder com agilidade — foi Greer quem procurou o ministro brasileiro após o telefonema presidencial e reabriu a negociação. Quando a maior economia do mundo decide ligar primeiro, algo está funcionando.

A partir daqui, porém, o otimismo precisa ser dosado com cautela. O objetivo imediato do Brasil, de ampliar a lista de produtos isentos das tarifas, é razoável e tecnicamente defensável. Mas negociar com a administração Trump exige memória curta para ofensas e memória longa para promessas não cumpridas. O mesmo presidente que concordou com Lula sobre a necessidade de preservar as relações comerciais é o que impôs duas rodadas de tarifas em sequência, citou

o Pix como prática desleal e deixou setores como calçados, máquinas e açúcar sob a alíquota máxima. A imprevisibilidade não é um acidente da gestão Trump: é um método, que ele sabe aplicar muito bem.

O calendário complica ainda mais o cenário. As eleições brasileiras de outubro já começam a contaminar o ambiente político dos dois lados. No Brasil, qualquer concessão feita ao governo Lula vira munição eleitoral, como já demonstrou a participação de Flávio Bolsonaro nas audiências do Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês) em Washington. Nos Estados Unidos, Trump governa cada vez mais para sua base, e acordos comerciais que possam ser lidos como favoráveis a um aliado de esquerda latino-americano têm pouco apelo doméstico. O risco real é que as negociações técnicas, por mais bem conduzidas que sejam, esbarrem em conveniências políticas que nenhuma boa vontade diplomática consegue superar.

O que se espera, portanto, é que tudo se mantenha estritamente na esfera comercial — longe das narrativas eleitorais, longe das rivalidades pessoais e longe das disputas de palco. O Brasil precisa de segurança e previsibilidade para seus exportadores, e não de mais um capítulo de incertezas. Além disso, qualquer que seja o resultado dessa negociação, que ela sirva também de lembrete: um parceiro que impõe tarifas de 37,5% sobre seus aliados, cita um sistema de pagamentos soberano como prática desleal e muda de posição ao sabor do calendário eleitoral não é um parceiro confiável, mesmo que volte aos melhores termos com o país. A negociação com os EUA de Trump é necessária — mas a diversificação de parceiros comerciais do Brasil é uma pauta ainda mais urgente.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

O passado presente

Dia desses escutei a música *Meus tempos de criança*, do compositor Ataulfo Alves, na voz do cantador Xangai, parceiro eterno de Elomar. "Eu daria tudo o que tivesse pra voltar aos tempos de criança. Eu não sei porque que a gente cresce se não sai da gente essa lembrança", diz um trecho da canção. Quem não tem doces recordações da infância? Com o passar dos anos, tornei-me mais saudosista. Talvez sabedor de como fui sortudo por uma infância livre de telas. Sim, o "celular tijolão" somente foi lançado quando eu tinha meus oito anos; o de tela, lá pelos meus 19 anos. Um produto proibitivo pelo preço, à época.

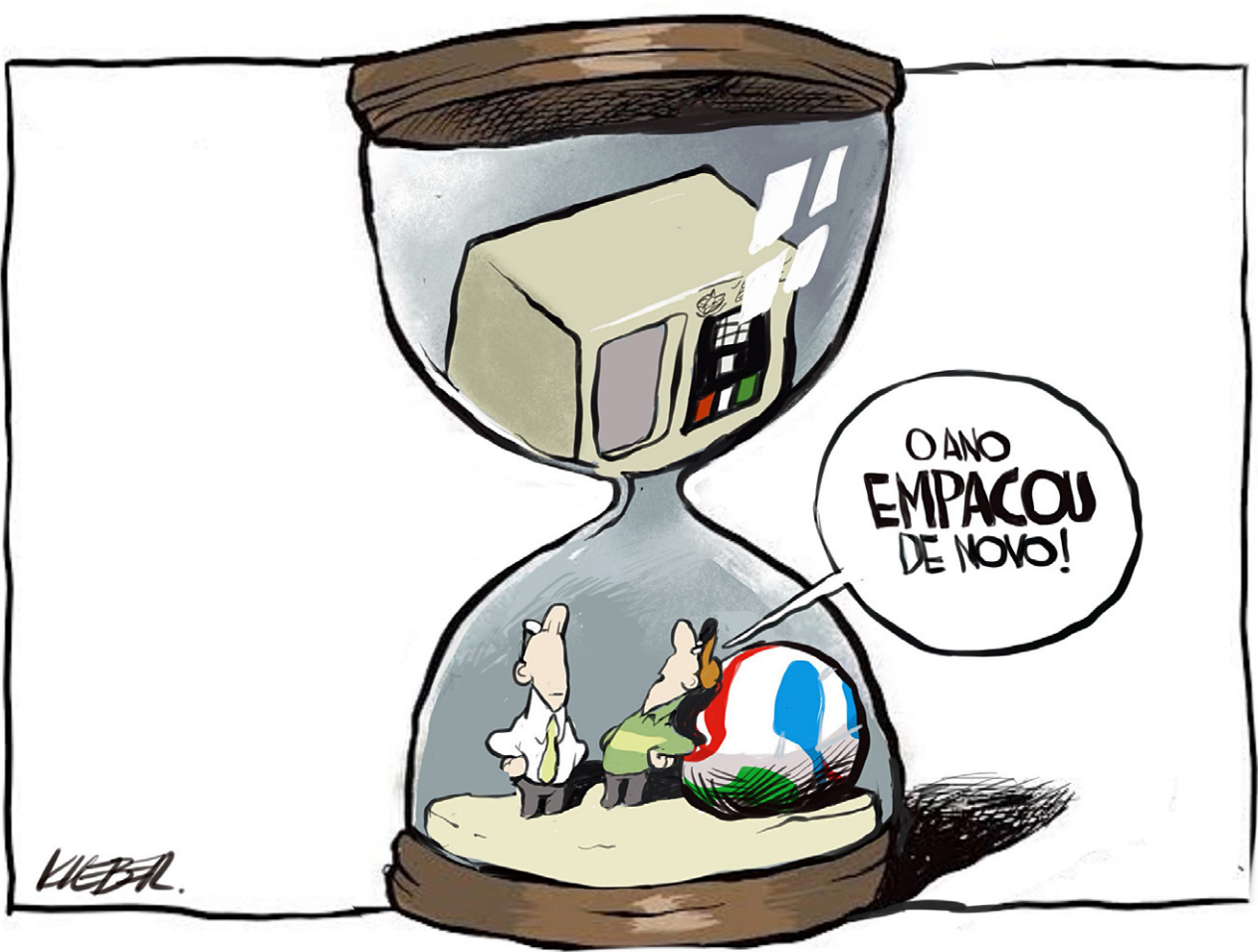
Morava em Goiânia, minha terra natal, e costumava jogar bola na rua até altas horas da madrugada. Improvisávamos os golzinhos e nos divertíamos muito. O que dizer de quando pulamos o muro de uma escola, para jogar na quadra, e fomos recebidos por um pastor alemão? Nunca subi tão rápido em uma árvore. Às vezes, criávamos brincadeiras meio estúpidas: gincana em que disputávamos quem bebia mais água, quem dava mais voltas correndo ao redor do quarteirão, entre outras. O fim de semana era quase sagrado: viajávamos à fazenda dos meus avós, onde curtia as cavalgadas, os banhos de piscina, as pescarias na represa, o futebol no pasto ou os passeios de bicicleta.

Julho também tinha seu ritual. Todos os anos, meu pai, meus tios e

amigos dele montavam um acampamento de praia no Rio Araguaia. Eu e mais umas 70 pessoas da família passávamos 15 dias maravilhosos no paraíso. Pescaria durante o dia, passeios de canoa, banhos de rio, fogueira e céu absurdamente estrelado à noite.

Engraçado como alguns objetos marcam nossas lembranças. O famoso "orelhão", em que fazíamos filas e acelerávamos a conversa à medida que as fichas eram engolidas pelo aparelho. A fita cassete que, no meio da música favorita, às vezes, era engolida pelo gravador (o jeito era pegar uma caneta, reboinar tudo e torcer para que ela não arrebentasse), a fita VHS seguida do fascínio do DVD (eu me recordo de como fiquei embasbacado com o primeiro Blu Ray que meu pai comprou). O tênis Kichute, as balas dadinho e Skate, o telejogo (primeira versão de um videogame), as figurinhas de álbuns (para virar no bafo, e essas resistiram ao tempo).

Imagino como será o mundo quando meus filhos, de 15 e de 22 anos, tiverem minha idade. De que tipo de tecnologia terão à disposição? Do que sentirão saudades de seu tempo de criança e de sua adolescência? Terão conseguido aproveitar momentos que, um dia, ficarão guardados na memória e em um lugarzinho especial do coração? Sim, porque o escritor e poeta argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) escreveu que a vida é feita de momentos. E que não podemos nos perder do agora.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Política de Trump

A política externa dos EUA muda conforme a conveniência. Um dia, tensão com o Irã; no outro, aceno à Coreia do Norte. Negociar com quem tem dezenas de armas nucleares é um risco. O mundo precisa de previsibilidade, não de gestos impulsivos, de venetas, como faz Donald Trump. Precisa de liderança responsável, não de espetáculo; e de decisões firmes e coerentes para evitar crises maiores. A diplomacia feita para fotos e manchetes de jornal não produz estabilidade.

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Insegurança jurídica

“Palavra de rei não volta atrás”, diz um provérbio popular, significando que a palavra de um rei, uma vez proferida, é definitiva e deve ser cumprida sem mudança. Os nossos reis são os integrantes do colegiado que rege o país de fato. Deles se espera que cada decisão tenha sido longamente conjecturada e analisada em seus efeitos atuais e futuros, de modo que possa estabelecer para o cidadão um marco definitivo imutável. Entretanto, de uns anos para cá, vemos uma tal “mudança de entendimento” que modifica radicalmente decisões cumpridas há vários anos. Em 2009, os ministros decidiram que o réu só poderia ser preso após o trânsito em julgado; em 2016, mudaram o entendimento e determinaram que a prisão se dá após a segunda instância; em 2019, voltaram ao trânsito em julgado. A perda do foro por prerrogativa de função foi modificada, em 2025, para permanência do foro, mesmo após a perda da função. Em 2009, a exigência de diploma de jornalista foi declarada inconstitucional; agora, tendem a reformar o que tinham reconhecido como contrário à Constituição, como se algo pudesse ser legal em confronto com a Carta Magna. É isso que é chamado insegurança jurídica?

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Economia

Segundo noticiado no **Correio Braziliense** (24/08), especialistas avaliam que a atividade econômica tende a desacelerar ainda mais que o previsto e que a recessão é inevitável se não houver ajuste fiscal. Como o governo gasta mais do que arrecada, o desequilíbrio das contas públicas resulta em rombos fiscais que precisam ser financiados com aumento da dívida pública. E nos 12 meses encerrados em junho, o rombo fiscal somou R\$ 144,1 bilhões, o equivalente a 1,08% do PIB — acima da meta prevista no arcabouço fiscal, que prevê superavit primário de R\$ 34,3 bilhões. Em junho, a dívida pública chegou a 81,9% do PIB. Foi noticiado também que a intenção de investimento da indústria caiu ao pior patamar em 2026, projetando queda das exportações e do número de empregados nos próximos meses. A intenção de consumo também está em queda e a confiança dos trabalhadores afetada, em meio a um ambiente financeiro pressionado e ao avanço da inadimplência entre empresas e entre consumidores. Nos noticiários das televisões e dos jornais, há também informações de indústrias e lojas fechando suas portas e indústrias se mudando para o Paraguai. Apesar disso tudo, o presidente Lula vem enfatizando

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opinioao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Lula e Alcolumbre, Flávio e Michelle: na política, a reconciliação é mais falsa que uma nota de três.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Boca suja: em qualquer pronunciamento do presidente do Botafogo, tirem as crianças da sala...

Vital Ramos de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

A quem interessa a quebra do BRB? Na Faria Lima, há banqueiro torcendo para riscar o Banco de Brasília do mapa — e ficar com o mercado que ele deixaria. Solidariedade de banco costuma vir com planilha de aquisição.

João Lins — Águas Claras

os avanços da economia no seu governo. O descrito acima é avanço ou um tremendo retrocesso?

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

Vacina salva

O número de mortes por diarreia entre crianças menores de um ano no Brasil, em 1980, era superior a 32 mil. Em 2005, houve redução de 93,4%, chegando a 1.988 mortes. No mesmo período, o total de óbitos de crianças menores de um ano caiu 71,3%, passando de 180.048 para 51.544, número ainda alarmante. Em 2007, a taxa de mortalidade infantil era de 19,3 óbitos para cada mil nascidos vivos (atualmente 12,3 óbitos). Também houve queda expressiva das mortes por doenças imunizáveis, como poliomielite e sarampo (97,2%); desnutrição e anemias nutricionais (89,2%); e infecções respiratórias agudas, como pneumonia (87,5%). Esses dados nos levam à reflexão de que políticas públicas bem aplicadas produzem resultados positivos. Por outro lado, a baixa cobertura vacinal dos últimos anos, impulsionada pela desinformação e pelo negacionismo da extrema direita, pode provocar o aumento de mortes por doenças evitáveis.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp , para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
associação profissional

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotografias são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br